

E, preservando a consciência tranqüila, viva na certeza de que o mundo funcionará tal qual é, sem necessidade de nossas reprimendas.

Faça o bem que puder e espere os resultados.

Não se impressione com dificuldades e obstáculos, porquanto pertencemos ao Céu, em cuja imensidão a Terra se move. E, queiramos ou não, estamos destinados a agir hoje para o brilho e para a felicidade que nos espera no grande amanhã.

A Luz da Paz

E andei pelo Mundo, procurando a luz da paz.

Fui à Grécia, admirando o Partenon e lugares outros em que pontificaram sábios da antigüidade;

dirigi-me a Roma, onde me acomodei nas escadas do Coliseu, refletindo nos cristãos perseguidos;

viajei para a Índia, onde partilhei as orações dos crentes que se banhavam nas águas do Ganges, em Benarés;

segui para o Egito, maravilhando-me à frente das Pirâmides que imortalizam a pompa dos faraós;

transitei pelas ruas de Meca e orei com os muçulmanos, entre as recordações do iluminado Profeta do Islã;

busquei Paris e conheci a Torre

Eiffel, orgulho da França;
 visitei o Palácio de Versalhes,
 moradia de reis e fidalgos ilustres;
 encaminhei-me para Londres,
 encantando-me ali com a severa
 nobreza do Castelo da Torre;
 na Espanha, conheci o Escurial,
 nos arredores de Madrid, cheguei a
 Granada e entrei no castelo do rei
 Boabdil que encerrou, naquele
 País, o domínio dos Árabes e
 voltei-me para Barcelona, onde ad-
 mirei a fortaleza de Monjnick;
 apreciei a riqueza artística dos
 Jerônimos e usufruí as amenida-
 des de Sintra, em Portugal;
 fui a Nova York onde expressei o
 meu respeito pela inteligência hu-
 mana, diante dos arranha-céus que
 lhe assinalam a grandeza;
 caminhei através de todas as

grandes cidades das Três Améri-
 cas, mas não encontrei a luz da
 paz.

Saudoso do lar, regressei a nos-
 sa casa em Vila Nova Conceição,
 em São Paulo.

Era noite e minha mãe lia o
 Evangelho. Abracei-a emocionado
 e li o texto exposto. Era a Parábola
 do Bom Samaritano.

As palavras falavam em letras
 que me ficaram na memória:

— “Então, um doutor da Lei,
 perguntou abeirando-se do Divino
 Mestre:

— Senhor, que deverei fazer
 para possuir a vida eterna?

O Cristo sorriu e considerou:

— O que está escrito na Lei, o
 que lês nela?

O homem acentuou:

— Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, com as tuas forças de espírito e ao próximo como a ti mesmo.

Entretanto o Doutor da Lei ainda inquiriu para o tentar:

— Senhor, e quem é o meu próximo?

Jesus, explicou, usando brandura e paciência:

— Um homem que se dirigia de Jerusalém para Jericó saiu em poder dos salteadores que o despojaram, cobriram-no de ferimentos, deixaram-no semi-morto.

Um sacerdote, que passou perto da vítima, estugou o passo e seguiu para frente, negando-lhe atenção.

Logo após, um levita passou pelo mesmo lugar, mas não se inte-

ressou pelo ferido, seguindo adiante.

Mas um samaritano, que viajava, comoveu-se ao ver o homem caído, desceu do animal e, aproximando-se do desconhecido, dirigiu-lhe palavras de conforto, balsamizou-lhe as feridas e colocando-o sobre o animal, levou-o à hospedaria onde lhe ofereceu abrigo e segurança.

Jesus fez pequena pausa e interrogou:

— A seu ver, qual dos três era o próximo do infeliz?

O doutor respondeu:

— Aquele que usou de misericórdia para com ele.

Num gesto simples, o Cristo lhe observou:

— Então, vai e faze tu o mesmo.”

Chegados ao término da leitura, um telefone tilintou.

Minha mãe foi atender e comprehendi para logo o que se passava.

Uma senhora jazia em estado grave e a amiga que suscitara a chamada pelo fio comunicou que o doente pedia o socorro de uma prece.

Minha mãe não teve dúvidas. Chamando o Papai Raul e dando-lhe ciência do problema, ambos, logo após, tomaram o carro na direção indicada.

Segui junto deles e pude ver a doente que se aproximava da agonia.

Minha mãe e outras senhoras pediram a Misericórdia de Deus para a enferma e, embora se afas-

tassem, entendi que o meu dever era permanecer ali na tarefa do auxílio.

Junto de Benfeiteiros que ali se mantinham, trabalhei toda a noite no aposento simples.

O dia amanheceu com melhorias positivas para a doente e, enquanto me sentisse cansado, reconheci que uma alegria diferente me nascia no coração.

Chorando de felicidade, reconhecia, por fim, que eu, que me decidira a transitar pela Terra, procurando o dom sublime, encontrara-o ali, no gesto de minha mãe ao lado de meu pai Raul, compreendendo que o amor ao próximo que Jesus nos legou, sentido e praticado devidamente, é a única força que realmente nos concede a luz da paz por dentro do coração.